

Os mais baixos juros da dívida desde 2005. E se isso for uma má notícia?

Permitiriam cumprir decisão do Constitucional sem medidas alternativas, mas podem ser sinal de uma "bolha especulativa". Aviso de economista.

Por Sandra Afonso, em Bruxelas

O Tesouro ultrapassou esta quarta-feira a meta a que se tinha proposto e colocou no mercado quase mil milhões de euros a uma taxa de juro a dez anos de 3,2%, o valor mais baixo desde 2005.

Se, por um lado, os baixos juros pagos pelo tesouro em leilão podem permitir ao país cumprir a decisão do Tribunal Constitucional sem medidas alternativas, por outro, podem também representar uma ilusão criada pelos mercados, diz à **Renascença** José Castro Caldas, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra

"Desta forma consegue-se um financiamento a uma taxa inferior àquela que é paga ao Fundo Monetário Internacional e àquela que é paga aos fundos da União Europeia", afirma Castro Caldas, à margem do Fórum Económico de Bruxelas.

Esta é a boa notícia. Mas há nuvens no horizonte, avisa. "Assusta-me taxas de juro tão baixas da dívida pública portuguesa. É o sinal de que pode haver uma bolha especulativa na dívida soberana e a consequência disso é que podemos estar sujeitos ao reventamento dessa bolha e ao regresso a taxas insuportáveis", aponta.

E a "tranche"?

Na terça-feira, a ministra das Finanças admitiu a hipótese de Portugal dispensar a última "tranche" da troika. O economista ficou "bastante perplexo" com as declarações de Maria Luís Albuquerque.

"Neste momento é preferível o financiamento dos ditos mercados ao financiamento junto do FMI e da troika. Isso cria uma situação em que parece muito convidativo não só prescindirmos da última 'tranche', como também cumprimos o que o Tribunal Constitucional decidiu e partirmos para uma execução do Orçamento sem os cortes que o Governo está a pensar fazer", diz.

"O meu palpite é que as coisas não vão evoluir nesse sentido e que a doutora Maria Luís Albuquerque repensará melhor essa possibilidade em função de pressões que vai receber", prevê.

"Portugal pode financiar-se sozinho"

Na opinião do director do Centro de Estudos Políticos Europeus, Daniel Gros, também participante do Fórum Económico de Bruxelas, o país está pronto para voar sozinho, sobretudo por causa da almofada financeira que o país tem vindo a amearhar.

"Portugal pode agora financiar-se sozinho. O Governo continua a ter uma grande necessidade de financiamento, mas o país tem gerido uma conta

corrente suplementar... Isto significa que há poupanças suficientes para financiar o défice orçamental, pelo que que não deverá ser um problema", defende.

O leilão desta quarta-feira era aguardado com enorme expectativa: foi a primeira operação de financiamento de Portugal após o fim oficial do programa de resgate.
